ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL / RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

O Tuiuti

BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR

2015 / Nº 144

Proteção Pessoal
Blindagem Corporal na Primeira Guerra Mundial

O TUIUTI
Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de HIstória Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

EDITOR
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

PROJETO GRÁFICO/DESIGN
Fabricio Gustavo Dillenburg
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
Delegado AHIMTB/RS (DRHFPC)
nucleomilitar@gmail.com

ENDEREÇOS VIRTUAIS
acadhistoria@gmail.com
www.acadhistoria.com.br

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, com apoio do Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis e da Delegacia Regional AHIMTB/RS Gen Francisco de Paula Cidade. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos dessas entidades, bem como da História Militar em geral e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros, como um todo. O material publicado está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor. Todos os direitos reservados.

EDITORIAL

Por mais que estudemos, busquemos nos entremeios da História acontecimentos estranhos, sempre haverá algo para nos surpreender. Naquela caixa antiga, esquecida no fundo de um armário, enterrado em algum lugar, um segredo espreita, aguardando pelos olhos atentos do historiador. A BBC publicou, recentemente, um artigo surpreendente, que trata, justamente, de algo assim: numa fazenda do interior de São Paulo, brasileiros eram mantidos como escravos por nazistas. Impossível não nos impressionarmos.

Na matéria principal, nosso Acadêmico Fabricio Gustavo Dillenburg apresenta um texto sobre meios de proteção pessoal na Primeira Grande Guerra. Equipamentos pouco conhecidos, com características, por vezes, curiosas, como máscaras faciais à prova de balas, demonstram que há aspectos dos conflitos que, tradicionalmente, acabam ficando à margem dos estudos. Ainda, é possível perceber que, no cerne da questão, muitas coisas permanecem como eram há milhares de anos, com a História – como sempre – servindo de inspiração para desenvolvimentos tecnológicos "modernos".

Este número traz, ainda uma matéria sobre a Canção do Expedicionário, linda em sua estrutura e profundamente emocionante em seu significado, em lembrança aos nossos maltratados pracinhas, agora vítimas de mais uma absurdo governamental (e que deveria envergonhar a todos nós, brasileiros): o descaso com a Casa da FEB. Esperemos que a racionalidade acabe falando mais alto, no final.

F. G. Dillenburg (Co-Editor) por
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Editor

CONTEÚDO

4 PROTEÇÃO PESSOAL NA I GUERRA
por F. G. Dillenburg

Blindagem corporal e as tentativas de proteger os combatentes em um dos mais sangrentos conflitos da humanidade.

12 A CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO
por Manoel Procopio de Moura Júnior

Uma das mais belas canções militares, resgatada pelo nosso Acadêmico Moura Júnior, diretamente de Natal, RN.

15 ESCRAVOS EM SP
por BBC World Services

A fazenda em SP onde nazistas mantinham brasileiros escravos.

FEDERAÇÃO DE ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

PROTEÇÃO PESSOAL

BLINDAGEM CORPORAL NA I GUERRA MUNDIAL

Infantaria britânica usando couraças alemãs. **Na página anterior, índice, em cima:** modelo de armadura francesa à prova de balas.

F. G. Dillenburg

A busca por algum tipo de proteção pessoal, de algum tipo de "blindagem" para o corpo, é tão antiga quanto a própria guerra. Em marcha para o campo de batalha, soldados sempre se preocuparam com ferimentos que, se não levassem à morte, poderiam aleijá-los das piores formas possíveis, destruindo qualquer expectativa de uma vida futura "normal".

Os materiais usados foram muitos, de acordo com a disponibilidade local, com a habilidade de manipulação e com o tipo de ameaça que se apresentava. Usaram-se placas de bronze e de ferro, cotas de malha – obtidas através de meticuloso trabalho de união de anéis de metal –, e mesmo proteções derivadas da conjunção desses materiais.

Na Grécia Antiga, o trabalho com bronze atingiu um patamar diferenciado e, em Roma, as legiões vestiam placas de ferro montadas em tiras de couro, o que fornecia ao combatente invejável proteção e flexibilidade em combate. Na Idade Média, a perfeição do trabalho em metal derivou em armaduras completas, por longo tempo invulneráveis à maioria das armas, e que se mostraram terríveis em combate, levando o inimigo a desenvolver táticas especiais para derrubar e tirar de combate os cavaleiros blindados. Mesmo com dezenas de quilos sobre o corpo, ainda hoje é surpreendente as engenhosas articulações desses equipamentos, que permitiam aos combatentes uma relativa mobilidade enquanto lutavam.

Os egípcios usaram pele de crocodilo como proteção. Os índios norte-americanos vestiam coletes, nos quais placas de madeira rígida eram sobrepostas. Os conquistadores espanhóis também usaram esse artifício, na conquista do México e, na falta de metais adequados para armaduras, também improvisaram vestimentas que eram feitas com algodão embebido em água salina, o que ajudava a endurecer as camadas de tecido.

"O ASSASSINATO DE FRANCISCO FERDINANDO, EM SARAJEVO, FOI UM DOS FATORES QUE LEVOU O PENSAMENTO MILITAR A REPENSAR A PROTEÇÃO PESSOAL."

Quando as armas de fogo se desenvolveram ao ponto de representarem ameaças reais, a partir do século XVII, as armaduras e placas foram gradualmente abandonadas. Elas não eram mais capazes de aguentar o impacto dos projéteis, cada vez mais poderosos (o que já havia acontecido com o uso das bestas), e deixou de fazer sentido carregar uma quantidade extra de peso que não oferecia mais proteção de fato, no campo de batalha. A necessidade de algum tipo de proteção, entretanto, nunca deixou de se fazer presente e, mesmo no século XIX, ainda era possível encontrar uma série de arranjos – muitos deles pessoais – para que se obtivesse maior possibilidade de sobrevivência no campo de batalha.

A Guerra Civil Americana foi um exemplo disso, com o uso de chapas de metal ajustadas ao peito de muitos combatentes. Testes realizados recentemente mostraram que algumas dessas placas seriam capazes de resistir ao projétil de uma arma calibre 45, disparada de três metros de distância.

O famoso bandido australiano Ned Kelly, que usava uma proteção blindada composta por capacete e armadura corporal (e que pesava nada menos que 44 quilos), resistiu a 17 disparos, antes que fosse capturado. Seus braços e pernas contavam, então, 28 ferimentos, mas ele continuava vivo.

Francisco Ferdinando, em sua viagem a Sarajevo, não vestiu um colete protetor de seda, devido ao calor. Sua morte foi um dos fatores que levou o pensamento militar da época a repensar a introdução de proteção corporal nas tropas que, logo, entrariam em combate na Europa.

O capacete militar foi um dos primeiros elementos a serem

introduzidos entre as tropas, em larga escala, no século XX. Estima-se que seu uso, na I Grande Guerra, resultou na redução de 2 a 5 por cento das baixas, o que representaria algo entre 700 mil e 1.875.000 homens, entre mortos e feridos. Até hoje, entretanto, em muitas forças, o capacete é, ainda, o único item de proteção corporal fornecido aos combatentes.

Quando a I Guerra Mundial teve início, nenhum exército utilizava qualquer forma de proteção corporal blindada, com exceção dos regimentos franceses de cavalaria pesada, que vestiam couraça e capacetes cerimoniais, e de capacetes de couro endurecido, usados por algumas unidades alemãs.

Depois da fase de movimento, e da sangrenta Batalha de Yprès, a mudança para uma luta de posições derivou na organização de trincheiras e à exposição a bombardeios infindáveis, com estilhaços e potentes explosivos revolvendo a terra e os homens, seguidos de custosos ataques frontais, em massa, contra o fogo nutrido de metralhadoras e fuzis. Os mortos empilhavam-se, os feridos, contavam-se aos milhares. O modo como a guerra de trincheiras era travada fez com que os ferimentos na cabeça crescessem de forma alarmante, não apenas devido aos estilhaços derivados dos infernais bombardeios promovidos pela artilharia, mas também pela exposição aos franco-atiradores. Faziam-se necessárias urgentes providências para que se protegessem os militares, e os franceses foram os primeiros a introduzir um capacete metálico moderno em serviço, sobretudo pelos esforços de August-Louis Adrian, *Sous-Intendánt-Général* francês que havia servido em ocupações coloniais e que era bem conhecido por se preocupar com a saúde e o bem-estar de seus subordinados.

Em uma de suas visitas ao front, em 1914, o General encontrou um homem, ferido na cabeça por um estilhaço durante um ataque de artilharia, e que contou como a sorte havia evitado sua morte: ele estava com um prato de metal sob o chapéu, e o fragmento atingiu o objeto antes de chegar à sua cabeça, reduzindo o poder de impacto e evitando a perfuração do crânio. O incidente impressionou o General, que ordenou a fabricação de um "gorro de metal", (*cervelière*), que ele passou a usar permanentemente sob o quepe, com o fim de detectar se haveria algum problema ou desconforto na utilização na peça. Como nenhuma falha grave foi notada, em fevereiro de 1915 o exército francês adotou a nova proteção, que foi denominada, oficialmente, *Calotte protege-tête em tôle d'acier*, *1915* (em tradução livre, "cúpula protetora de cabeça em folha de metal de aço, modelo 1915").

A produção inicial foi de 700 mil unidades, embora tenha havido algumas dificuldades para convencer os soldados franceses a usarem o equipamento na cabeça. Ao que parece, a maioria preferia utilizá-lo como recipiente para beber, cozinhar, ou como banheiro portátil improvisado, um *pissoir*. Apesar disso, seus efeitos

MARK I v
Diferente dos modelos francês e alemão, o capacete britânico foi tipicamente desenvolvido sob o pragmatismo inglês. Sua proteção era razoável, mas a taxa de produção era rápida, dada a simplicidade.

^ ITALIANOS
As tropas italianas possuíam modelos diferenciados de proteção e, como todos os contendores, não utilizaram os equipamentos de forma extensiva, mas pontualmente. Eles eram efetivos, contudo, em circunstâncias especiais.

benéficos logo foram notados, já que os ferimentos de cabeça, naqueles que usavam o equipamento, passaram a ser significativamente menores.

Em 21 de maio de 2015, com base no desenho do capacete dos bombeiros franceses, o *Casque modèle 1915 "Adrian", infanterie* (capacete de infantaria Adrian, modelo 1915) foi introduzido. Primeiramente, quem os utilizava eram especialmente os oficiais e dignitários em visita ao front, mas, a partir da ofensiva de Champagne (setembro de 1915), seu uso se deu em larga escala. No Natal daquele ano, quase três milhões e duzentos mil desses capacetes haviam sido produzidos. No final da guerra, o número multiplicou-se, devido à violência nos combates, e chegou a impressionantes vinte milhões.

O exército britânico seguiu a iniciativa francesa e, em novembro de 1915, começou a fabricar o seu famoso modelo de capacete de aço conhecido como Mark I, que se tornaria famoso, pelo desenho, nas duas guerras mundiais e além.

Inicialmente, o Mark I deveria ser fabricado de forma semelhante ao modelo francês "Adrian" mas, por sugestão de Sir Robert Hadfield, a sua composição passou a conter doze por cento de manganês junto ao aço, liga conhecida, até hoje, como "aço Hadfield". O projeto com aba larga derivou da necessidade de proteção contra fragmentos e contra o *schrapnel*, que caíam na vertical. Todavia, diferente do modelo francês, o projeto britânico foi desenvolvido, desde logo, com vistas à produção em massa. Tanto assim que, em primeiro de julho de 1916, mais de um milhão de unidades já haviam sido entregues e, no final da guerra, quase sete milhões e meio tinham sido fabricados, incluindo cerca de um milhão e meio para uso do exército norte-americano (onde passaram a ser denominados M1917).

O exército alemão não ficou atrás e produziu uma capacete de aço, conhecido como *von Gaede*, no início de 1915, mas ele foi empregado em quantidade limitada. Entretanto, depois de um considerável trabalho de desenvolvimento realizado pelos professores Frederick Schwerd e August Bier, da Universidade de Hanover, o M16 *Stahlhelm* (capacete de aço) foi adotado, em novembro de 1915.

Os primeiros 300 mil capacetes foram distribuídos rapidamente entre as tropas de assalto, em tempo para a ofensiva de Verdun, de 21 de fevereiro de 1916. Porém, em contraste com o facilmente moldável aço Hadfield, usado pelos britânicos, os alemães escolheram um material mais rígido, composto de aço, silício e níquel. Como consequência, e também por seu desenho mais profundo, o *Stahlhelm* tinha que ser moldado a quente, sob um processo que envolvia aquecimento elétrico, o que ampliava o tempo e os custos de produção por unidade. Por outro lado, isso garantia maior proteção à cabeça, orelhas e pescoço do combatente, quando comparado com os modelos franceses e ingleses, embora também significasse um aumento de peso em relação àqueles equipamentos.

Quando a guerra chegou ao fim, oito milhões e meio de *Stahlhelm* haviam sido produzidos.

No final de 1916, capacetes protetores haviam sido universalmente adotados pelos exércitos no front ocidental mas, paradoxalmente, o número de combatentes com ferimentos na cabeça aumentou de maneira significativa. Embora, inicialmente, isso possa parecer estranho, na verdade se deve ao fato de que, caso os homens não estivessem usando a proteção, os ferimentos teriam sido fatais: agora, registravam-se os ferimentos, não mortes. Estatísticas médicas revelam, ainda, que, antes da introdução dos capacetes, um em cada quatro ferimentos na cabeça era letal. Contudo, depois que os dispositivos começaram a ser usados, a razão passou a ser de sete para um.

Cabe salientar, em meio a tais informações, um outro aspecto: ficou demonstrado que a maior parte dos ferimentos nos combatentes foram causados por estilhaços em baixa e média velocidade: as estimativas variam entre 60 e 80 por cento do total. Em média, a frequência proporcional dos ferimentos deu-se, primeiramente, nas extremidades (cerca de 60%), seguidas pela cabeça e pescoço (20%), e pelo torso (20%).

Apesar disso, a prioridade foi dada à proteção da cabeça, e a produção de capacetes deu-se em grande velocidade, mobilizando a capacidade industrial. Mas o desenvolvimento e a elaboração de proteções para outras partes do corpo não foi negligenciada.

SOB MEDIDA ^
Soldados norte-americanos experimentam couraças capturadas aos alemães, 1918. Embora divertindo-se com a situação, a proteção pessoal era assunto sério, já que o número de baixas era altíssimo.

Em particular, o peito, o abdomen e as costas careciam de cuidados, uma vez que danos a essas partes, ainda que de pequena monta, em geral incapacitavam ou matavam o combatente (não é demais lembrarmos que os cuidados médicos de então eram precários e que a Penicilina – descoberta em 1928 – só foi desenvolvida, em larga escala, na Segunda Guerra Mundial). Ferimentos no estômago, por exemplo, eram fatais na proporção de um para quatro, sobretudo pelo risco derivado de infecções.

Armaduras corporais já eram utilizadas no campo de batalha desde 1915, mas de forma limitada. O equipamento consistia, via de regra, em placas de aço modeladas vagamente ao corpo, em uma peça única ou em diversas partes, unidas de diversas formas (rebites, anéis, soldas, parafusos). Esses arranjos proviam níveis variados de proteção, de acordo com a espessura e a qualidade dos materiais utilizados, resultando em blindagens que eram capazes de segurar desde projéteis de pistolas, apenas, até estilhaços consideráveis.

Os franceses desenvolveram apenas alguns ítens de proteção corporal, incluindos escudos de rosto para franco-atiradores e sentinelas, bem como diversos tipos de viseiras de capacete para proteger a face e, em especial, os olhos. Uma placa abdominal também foi utilizada, desenhada pelo mesmo inestimável General August-Louis Adrian. Perto de 100 mil foram construídas mas, embora razoavelmente eficientes do ponto de vista balístico, relatos esclarecem que elas eram extremamente incômodas e, por isso, pouco

usadas pelas tropas. O General ainda desenvolveu uma placa peitoral que conectava-se com a proteção abdominal, que não chegou a ser implementada, e os únicos escudos corporais que foram usados, em alguma escala foram produtos comerciais, do tipo *Lanciers*, que cobriam e davam alguma proteção ao peito, ao abdomen e ao quadril.

No Exército alemão, meio milhão de placas peitorais pesadas, construídas em aço reforçado com silício e níquel, foram produzidas, a partir de encomenda feita em maio de 1917. Elas podiam ser vestidas na frente ou nas costas, e eram feitas em dois tamanhos: nº 1 (grande, pesando 10,8 quilos) e nº 2 (pequena, com peso de 10 quilos). Eram conhecidas como *Infanterie-Panzer* (infantaria blindada, ou blindagem de infantaria), e usadas por equipes de metralhadores, sentinelas e outros combatentes que estivessem em posições mais expostas. Devido ao seu elevado peso, não eram adequadas para o uso durante assaltos, pois esgotavam rapidamente os soldados em movimento. Nas patrulhas eram também perigosas, porque sua configuração de placas múltiplas produzia ruídos indesejados, que podiam denunciar posições.

As tropas utilizavam regularmente as placas, e as apelidaram de *Sappenpanzer* (blindagem de trincheira), valorizando sua capacidade de parar *schrapnel*, fragmentos de granada e até fogo de fuzis, a uma distância de até 450 metros. Os alemães ainda inventaram uma placa de reforço que podia ser conectada aos furos de ventilação dos seus capacetes de aço, deixando a parte frontal dos capacetes à prova de fogo de fuzis, para ser usada por franco-atiradores e sentinelas. Conhecida como *Stirnpanzer* (blindagem de sobrancelha), teve uma produção de cerca de 50 mil peças.

De todas as tropas em oposição, foram os britânicos os que utilizaram blindagens mais variadas em campo, oriundas tanto de produções oficiais, quanto de encomendas comerciais civis. O desenvolvimento seguiu três linhas básicas: uma couraça rígida, dura, do tipo placa; um tipo intermediário, composto por inúmeros pedaços pequenos (plaquetas) interconectados; e um tipo de couraça "macia", composta por camadas de materiais leves, que derivavam em uma espécie de colete "acolchoado". Havia, também, toda uma linha de produtos de proteção fornecidas por empresas comerciais privadas, e muitos eram adquiridos pelos que partiam para o front, ou por familiares preocupados com o porvir na frente de combate. Cartas de agradecimentos que sobreviveram à guerra, oriundas de soldados e parentes, demonstram a efetividade dessas proteções, contando como os equipamentos salvaram vidas e impediram que braços e pernas fossem despedaçados ou completamente perdidos. Ironicamente, o Exército britânico não recomendava a compra desses materiais, e disponibilizou equipamento de proteção para apenas dois por cento das tropas combatentes.

Um dos primeiros, e mais largamente empregado dos modelos rígidos, foi o *Dayfield Body Shield*, construído com

À PROVA DE BALAS v
A armadura corporal Brewster, de 1917, pesava 18 quilos e era feita de aço reforçado com cromo e níquel. Foi um desenvolvimento norte-americano, e aguentava até tiros de metralhadora.

placas individuais, conectadas para proteger o peito e as costas. Pesando entre 6 e 8 quilos, dependendo da configuração, mais de 20 mil dessas couraças estavam sendo usadas no front ocidental, em outubro de 1917. As tropas, porém, acabavam por descartar rapidamente o equipamento, considerando-o um obstáculo para a movimentação e para a luta.

Ciente disso, os encarregados militares despenderam esforços contínuos para tentar reduzir o peso e aumentar a mobilidade das proteções, oferecendo aos combatentes algo que fosse viável para uso no já absolutamente desconfortável (e perigoso) ambiente do front. O empecilho dava-se na constatação de que os materiais mais leves não eram capazes de prover a mesma proteção balística dos mais pesados, reduzindo a eficiência e caindo em um problema tecnológico antigo: couraças pesadas – mas efetivas – eram impopulares e acabavam abandonadas porque não eram práticas, enquanto variantes mais leves e práticas não eram usadas porque não ofereciam proteção adequada. Os estudos derivaram em vários bons projetos, e muitas proteções que pesavam entre 2 e 5 quilos foram produzidas em inúmeras variantes, com níveis de proteção balística equivalentes ao do capacete Mark I.

Em uma tentativa de estabelecer um modelo padronizado, o governo britânico desenvolveu um modelo denominado EOB 1917. Pesando 4,3 quilos, a proteção era formada por tês partes: uma placa peitoral, uma placa para as costas e um protetor de virilha, capazes de proteger contra fragmentos de granadas, *schrapnel* e contra tiros de calibre .45 a 250 metros de distância (ou de fuzil, disparados a 300 metros). Nos últimos dois anos de guerra, os equipamentos EOB foram distribuídos em grande número.

Proteções construídas através da junção de inúmeras placas menores obtiveram relativo sucesso, vendendo bem, sobretudo porque seu peso não excedia o meio quilo. Confortáveis, forneciam pouca proteção, exceto para fragmentos em baixa velocidade e disparos de longa distância, já com pouca energia. O estrago, inclusive, poderia ser bem maior, quando um combatente era atingido diretamente, por um projétil, em uma das pequenas placas que deveriam protegê-lo: bala e metal penetravam juntos no corpo, perfurando órgãos, quebrando ossos e causando ferimentos horrendos, ou mesmo a morte. Interessante é o fato de que as proteções compostas, desse tipo, eram usadas, muitas vezes, sob o uniforme.

As proteções "macias", do tipo almofadado, foram muito estudadas, com a utilização de materiais de todo tipo, como sisal, lã, seda, cabelo e algodão, entre outros. Em oposição às placas metálicas, que desviavam projéteis graças à sua rigidez e dureza, o objetivo das proteções "macias" era amortecer e capturar o projétil, impedindo sua penetração graças à resistência fornecida pela peça de vestuário. Constatou-se, à época, que a seda era a fibra mais resistente, podendo suportar impactos superiores ao aço-manganês, peso a peso, submetidos, ambos, a fragmentos em velocidades de até 300 m/s. Por

BLINDAGEM GERMÂNICA v
Os equipamentos alemães eram de boa qualidade, embora de fabricação mais difícil. Proviam melhor proteção e, dentro da rígida tradição teutônica, eram usados mais frequentemente, devido às ordens.

^ PROTEÇÃO LIMITADA
Um oficial britânico veste blindagem, que consiste em um colete composto por plaquetas de metal, enquanto coordena a movimentação de uma peça de artilharia alemã capturada no Somme, em 10 de agosto de 1916.

outro lado, um colete de proteção construído em seda não oferecia a mesma proteção contra perfurações por projéteis em alta velocidade, mas também não deformava a bala na perfuração. Quando um projétil perfurava uma placa de metal, e penetrava o corpo, sua deformação provocava ferimentos muito mais sérios, enquanto que uma projétil sem deformação derivava em ferimentos mais "limpos", permitindo a passagem do projétil sem destroçar o corpo, internamente. Por mais assustador que possa parecer, isso permitia um tratamento médico menos complexo.

A primeira aplicação militar de uma proteção balística feita com seda de alta resistência, no front ocidental, foi uma espécie de "colar", que cobria o pescoço e se estendia até os ombros. Possuía cerca de 6 centímetros de espessura e pesava, aproximadamente, 1,6 quilogramas. Em 1915, foi distribuído em número de 400 por divisão, mas seus resultados foram insatisfatórios, frustrando os dados obtidos nos testes. Além disso, sua deterioração era muito rápida, nas condições de trincheira e de combate, e custava mais caro para produzir que as proteções de metal.

Constata-se, pois, que a proteção corporal, na I Guerra Mundial, foi composta por uma série de tentativas que nem sempre surtiram os resultados esperados. Pelo contrário, a maioria resultou em equipamentos abandonados e falhos, incapazes de cobrir as funções para as quais foram projetados. Uma exceção, talvez, seja o modelo *Chemico Body Shield* (escudo corporal Chemico), que era constiuído por inúmeras camadas coladas de tecido, pesava cerca de três quilos e podia parar uma bala calibre .45 a 100 m/s . Em essência, sua tecnologia era a mesma das proteções assírias, de 2000 a.C.

Contra metralhadoras, as armas que causaram cerca de 35 por cento das baixas no conflito, nenhuma funcionava de forma satisfatória.

•

Referências Bibliográficas:

ALDRETE, Gregory. **Reconstructing Ancient Linen Body Armor:** Unraveling the Linothorax Mystery. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2013.

HALL, Anthony. Brassey's, B**ook of Body Armor.** Nebraska: Potomac Books, 2002.

ROYLE, Trevor. **Bearskins, Bayonets & Body Armour:** Welsh Guards, 1915-2015. Yorkshire: Frontline Books, 2015.

Fabricio Gustavo Dillenburg tem formação em História e é fundador e responsável pelo Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis. Ocupa a Cadeira nº 14, Gen Francisco de Paula Cidade, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB). É membro do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, Delegado da AHIMTB/RS e autor de "**Kamikaze: as Invasões Mongóis e as Origens do Vento Divino**". Mais informações nos sites **www.nucleomilitar.com** e **www.nucleomilitarblog.com**.

Num país como o Brasil, tradicionalmente avesso à preservação da sua história e cultura, é natural que a memória dos eventos históricos se perca na poeira do tempo. Mesmo a participação brasileira na II Guerra Mundial, ocorrida quase na metade do Séc. XX, quando já se dispunha do cinema, do rádio e da fotografia para o seu registro, possui um legado audiovisual muito aquém do seu potencial. E o mais grave: boa parte desse legado se esvai para o ralo.

Não fossem as associações de veteranos, mantidas por meio dos recursos pessoais dos ex-combatentes, terem servido ao longo dos anos como referência para a guarda das recordações pessoais de guerra, fosse por intermédio dos pracinhas ou de suas famílias, esse quadro seria ainda pior.

Embora tenha sido a FEB a nossa última experiência bélica, contendo inestimáveis ensinamentos para as Forças Armadas – seja na mobilização ou no combate propriamente dito – passados quase 70 anos da entrada do Brasil na guerra, por incrível que pareça, ainda não existe uma entidade oficial, civil ou militar, encarregada especificamente da pesquisa, guarda e preservação do seu acervo material. Uma entidade que sirva de referência para a doação dos acervos pessoais dos veteranos e de suas associações, visto que quase todas elas já estão fechadas – ou em vias de – face a avançada idade dos veteranos remanescentes (o veterano da FEB "mais jovem" possui hoje 86 anos).

Curiosamente, em 2008, enquanto o museu da Casa da FEB – o principal museu da FEB na região sudeste – fechava as suas portas por falta de recursos para a manutenção, a União Nacional dos Estudantes (UNE) era contemplada com R$ 30.000.000 de reais em recursos para a reconstrução da sua sede, no bairro do Flamengo. Por sinal, originariamente o local não lhe pertencia, mas à Sociedade Germânia: um clube de imigrantes alemães, fundado em 1929, e desapropriado por decreto pela ditadura Vargas, em 1942, quando da entrada do Brasil na II GM.

A Canção do Expedicionário

Manoel Procopio de Moura Júnior

Coube à iniciativa privada, por meio das empresas Tecnolach, Mobilazh, Sparch e Printech, do Grupo CHG a missão de proporcionar a associação os meios materiais necessários, reformando o Museu da FEB segundo um moderno e arrojado projeto que objetiva a perpetuação desta importante instituição.

O volume de material histórico é incomensurável. De todo o legado audiovisual da FEB, a parcela que talvez tenha sido mais preservada foi o seu legado musical.

GUILHERME DE ALMEIDA

A Canção do Expedicionário é o verdadeiro Hino da Força Expedicionária Brasileira. Foi lançada em disco em outubro de 1944, na oportunidade em que três dos cinco escalões da FEB já estavam na Itália. Em setembro, os pracinhas já tinham recebido o batismo de fogo.

A música é do maestro Spartaco Rossi (acima) e o poema de Guilherme de Almeida (ao lado). São versos maravilhosos que retratam os valores do homem brasileiro que vai lutar, levando no coração a saudade da Pátria. Guilherme de Almeida aproveita nomes e versos de canções e expressões de uso corrente nessa genial criação. Uma canção militar de inspiração inusitada. Quando ia ser impressa, o maestro Spartaco Rossi mandou um pedido aos irmãos Vitale, para que o primoroso poema de Guilherme de Almeida fosse publicado na íntegra. Isso aconteceu.

Canção do Expedicionário
Poema: Guilherme de Almeida
Música: Spartaco Rossi

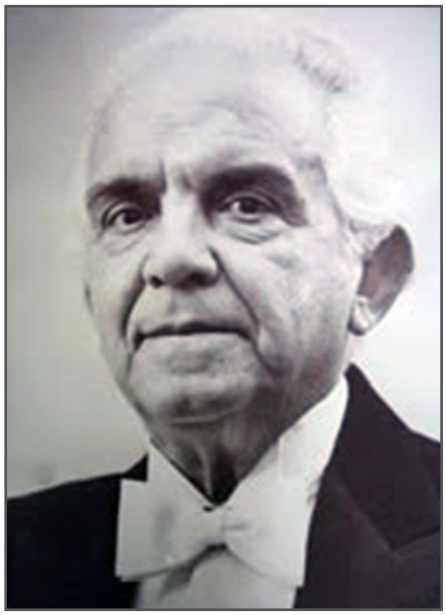
Você sabe de onde
eu venho?
Venho do morro,
do Engenho,
Das selvas, dos cafezais,
Da boa terra do coco,
Da choupana onde
um é pouco,
Dois é bom, três é demais,
Venho das praias sedosas,
Das montanhas alterosas,
Dos pampas, do seringal,
Das margens crespas
dos rios,
Dos verdes mares bravios
Da minha terra natal.

Por mais terras
que eu percorra,
Não permita Deus
que eu morra
Sem que volte para lá;

Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá:
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu bornal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.

Eu venho da minha terra,
Da casa branca da serra
E do luar do meu sertão;
Venho da minha Maria
Cujo nome principia
Na palma da minha mão,
Braços mornos de Moema,
Lábios de mel de Iracema
Estendidos para mim.
Ó minha terra querida
Da Senhora Aparecida
E do Senhor do Bonfim!

Por mais terras
que eu percorra,
Não permita Deus
que eu morra
Sem que volte para lá;



SPARTACO ROSSI

Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá:
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu bornal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.

Você sabe de onde
eu venho?
E de uma Pátria que eu tenho
No bôjo do meu violão;
Que de viver em meu peito
Foi até tomando jeito
De um enorme coração.
Deixei lá atrás meu terreno,
Meu limão, meu limoeiro,
Meu pé de jacaranda,
Minha casa pequenina
Lá no alto da colina,
Onde canta o sabiá.

Por mais terras
que eu percorra,
Não permita Deus
que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá:
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu bornal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.

Venho do além desse monte
Que ainda azula o horizonte,
Onde o nosso amor nasceu;
Do rancho que tinha ao lado
Um coqueiro que, coitado,
De saudade já morreu.
Venho do verde mais belo,
Do mais dourado amarelo,
Do azul mais cheio de luz,
Cheio de estrelas prateadas
Que se ajoelham
deslumbradas,
Fazendo o sinal da Cruz !

Por mais terras
que eu percorra,
Não permita
Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá:
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu bornal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.

•

Manoel Procopio de Moura Júnior é Membro Efetivo da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, e está baseado em Natal, RN.

Este texto foi baseado em informações do Portal da FEB e do Youtube. Ouça a canção em << http://www.portalfeb.com.br/cancao-do-expedicionario >>.

•

Nazistas Mantinham Escravos em São Paulo

BBC World Service, por Gibby Zobel

A FAZENDA NO INTERIOR DE SÃO PAULO ONDE NAZISTAS ESCRAVIZAVAM TRABALHADORES

Em uma fazenda no interior de São Paulo, 160 km a oeste da capital, um time de futebol posa para uma foto comemorativa. Mas o que torna a imagem extraordinária é o símbolo na bandeira do time - uma suástica.

A foto, provavelmente, foi tirada após a ascensão nazista na Alemanha, na década de 1930.

"Nada explicava a presença dessa suástica aqui", conta José Ricardo Rosa Maciel, ex-dono da remota fazenda Cruzeiro do Sul, perto de Campina do Monte Alegre, que encontrou a foto, por acaso, um dia.

Mas essa foi, na verdade, sua segunda e intrigante descoberta. A primeira tinha ocorrido no chiqueiro.

"Um dia, os porcos quebraram uma parede e fugiram para o campo", ele disse. "Notei que os tijolos tinham caído. Achei que estava tendo alucinações". Na parte debaixo de cada tijolo estava gravada uma suástica.

É sabido que no período que antecedeu a Segunda Guerra, o Brasil tinha fortes vínculos com a Alemanha Nazista. Os dois países eram parceiros comerciais e o Brasil tinha o maior partido fascista fora da Europa, com mais de 40 mil integrantes.

Mas levou anos para que Maciel, com o auxílio do historiador Sidney Aguillar Filho, conhecesse a terrível história que conectava sua fazenda aos fascistas brasileiros.

Filho descobriu que a fazenda tinha pertencido aos Rocha Miranda, uma família de industriais ricos do Rio de Janeiro. Três deles - o pai, Renato, e dois filhos, Otávio e Osvaldo - eram membros da Ação Integralista Brasileira (AIB), organização de extrema direita simpatizante do Nazismo.

A família às vezes organizava eventos na fazenda, recebendo milhares de membros do partido. Mas também existia no lugar um campo brutal de trabalhos forçados para crianças negras abandonadas.

"Descobri a história de 50 meninos com idades em torno de 10 anos que tinham sido tirados de um orfanato no Rio", conta o historiador. "Foram três levas. O primeiro grupo, em 1933, tinha dez (crianças)".

Osvaldo Rocha Miranda solicitou a guarda legal dos órfãos, segundo documentos encontrados por Filho. O pedido foi atendido. "Ele enviou seu motorista, que nos colocou em um canto", conta Aloysio da Silva, um dos primeiros meninos levados para trabalhar na fazenda, hoje com 90 anos de idade.

"Osvaldo apontava com uma bengala - 'Coloca aquele no canto de lá, esse no de cá'. De 20 meninos, ele pegou dez". "Ele prometeu o mundo - que iríamos jogar futebol, andar a cavalo. Mas não tinha nada disso. Todos os dez tinham de arrancar ervas daninhas com um ancinho e limpar a fazenda. Fui enganado".

As crianças eram espancadas regularmente com uma palmatória. Não eram chamadas pelo nome, mas por números. Silva era o número 23. Cães de guarda mantinham as crianças na linha. "Um se chamava Veneno, o macho. A fêmea se chamava Confiança", conta Silva, que ainda mora na região. "Evito falar sobre esse assunto".

Argemiro dos Santos é outro dos sobreviventes. Quando menino, foi encontrado nas ruas e levado para um orfanato. Um dia, Rocha Miranda veio buscá-lo.

"Eles não gostavam de negros", conta Santos, hoje com 89 anos. "Havia castigos, deixavam a gente sem comida ou nos batiam com a palmatória. Doía muito. Duas batidas, às vezes. O máximo eram cinco, porque uma pessoa não aguentava". "Eles tinham fotografias de Hitler e você era obrigado a fazer uma saudação. Eu não entendia nada daquilo".

Alguns dos descendentes da família Rocha Miranda dizem que seus antepassados deixaram de apoiar o Nazismo antes da Segunda Guerra Mundial.

Maurice Rocha Miranda, sobrinho-bisneto de Otávio e Osvaldo, também nega que as crianças eram mantidas na fazenda como "escravos". Em entrevista à Folha de São Paulo, ele disse que os órfãos na fazenda "tinham de ser controlados mas nunca foram punidos ou escravizados". O historiador Sidney Aguillar Filho, no entanto, acredita nas histórias dos

DESCOBERTA INCRÍVEL v
Em cada tijolo empregado nas construções, estava gravada uma suástica. O descobridor pensou estar "vendo coisas", quando os tijolos foram acidentalmente derrubados e o sinal ficou evidente.

sobreviventes. E apesar da passagem do tempo, ambos Silva e Santos - que nunca mais se encontraram desde o tempo em que viveram na fazenda - fazem relatos muito parecidos e perturbadores de suas experiências.

Para os órfãos, os únicos momentos de alegria eram os jogos de futebol contra times de trabalhadores das fazendas locais, como aquele em que foi tirada a foto onde se vê a bandeira com a suástica. (O futebol tinha papel fundamental na ideologia integralista.) "A gente se reunia para bater bola e a coisa foi crescendo", diz Santos. "Tínhamos campeonatos, éramos bons de futebol."

Mas depois de vários anos, ele não aguentava mais. "Tinha um portão (na fazenda) e um dia eu o deixei aberto", ele conta. "Naquela noite, eu fugi. Ninguém viu". Santos voltou ao Rio onde, aos 14 anos de idade, passou a dormir na rua e trabalhar como vendedor de jornais. Em 1942, quando Brasil declarou guerra contra a Alemanha, Santos se alistou na Marinha como taifeiro, servindo mesas e lavando louça.

Depois de trabalhar para nazistas, Santos passou a lutar contra eles. "Estava apenas prestando um serviço para o Brasil", explica. "Não sentia ódio por Hitler, não sabia quem ele era". Santos saiu em patrulha pela Europa e depois passou um período, ainda durante a guerra, trabalhando em navios que caçavam submarinos na costa brasileira.

Hoje, Santos é conhecido, na comunidade onde vive, pelo apelido de Marujo. E se orgulha de um certificado e uma medalha que recebeu em reconhecimento por seus serviços durante a guerra. Mas ele também é famoso por suas proezas futebolísticas, jogando como meio de campo em vários grandes times brasileiros na década de 1940.

"Naquela época, não existiam jogadores profissionais, éramos todos amadores", diz. "Joguei para o Fluminense, Botafogo, Vasco da Gama... Os jogadores eram todos vendedores de jornais e lustradores de sapatos". Hoje, Santos vive uma vida tranquila com a esposa, Guilhermina, no sudoeste do Brasil. Eles estão casados há 61 anos.

SILVA ERA O NÚMERO 23

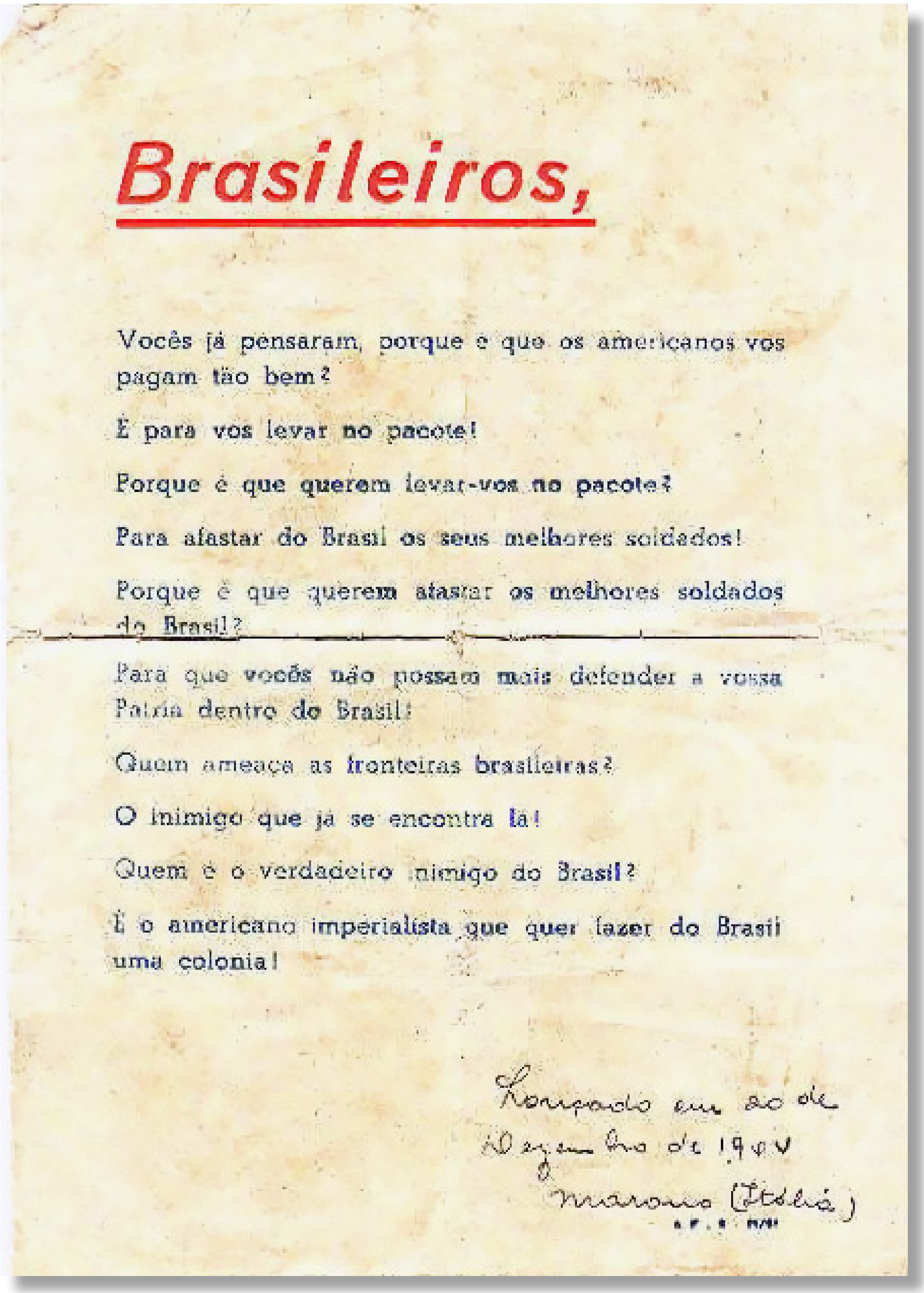
SANTOS COM SUA MEDALHA

"Eu gosto de tocar meu trompete, de sentar na varanda e tomar uma cerveja gelada. Tenho muitos amigos e eles sempre aparecem para bater papo", conta.

As lembranças do tempo difícil que passou na fazenda, no entanto, são difíceis de apagar. "Quem diz que sempre teve uma vida boa desde que nasceu está mentindo", diz Santos. "Na vida de todo mundo acontecem coisas ruins".

•

(Fonte: BBC Brasil << http://www.bbc.com/news/magazine-25815796 >>)



Brasileiros,

Vocês já pensaram, porque é que os americanos vos pagam tão bem?

É para vos levar no pacote!

Porque é que querem levar-vos no pacote?

Para afastar do Brasil os seus melhores soldados!

Porque é que querem afastar os melhores soldados do Brasil?

Para que vocês não possam mais defender a vossa Patria dentro do Brasil!

Quem ameaça as fronteiras brasileiras?

O inimigo que já se encontra lá!

Quem é o verdadeiro inimigo do Brasil?

É o americano imperialista que quer fazer do Brasil uma colonia!

Lançado em 20 de
Dezembro de 1944
Marano (Itália)

Propaganda de guerra alemã lançada para os pracinhas brasileiros, durante a Campanha da Itália.

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A **Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB)** foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A **AHIMTB/RESENDE** – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;

- A **AHIMTB/Distrito Federal** – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;

- A **AHIMTB/Rio de Janeiro** – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;

- A **AHIMTB/Rio Grande do Sul** – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis;

- A **AHIMTB/São Paulo** – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

O TUIUTI

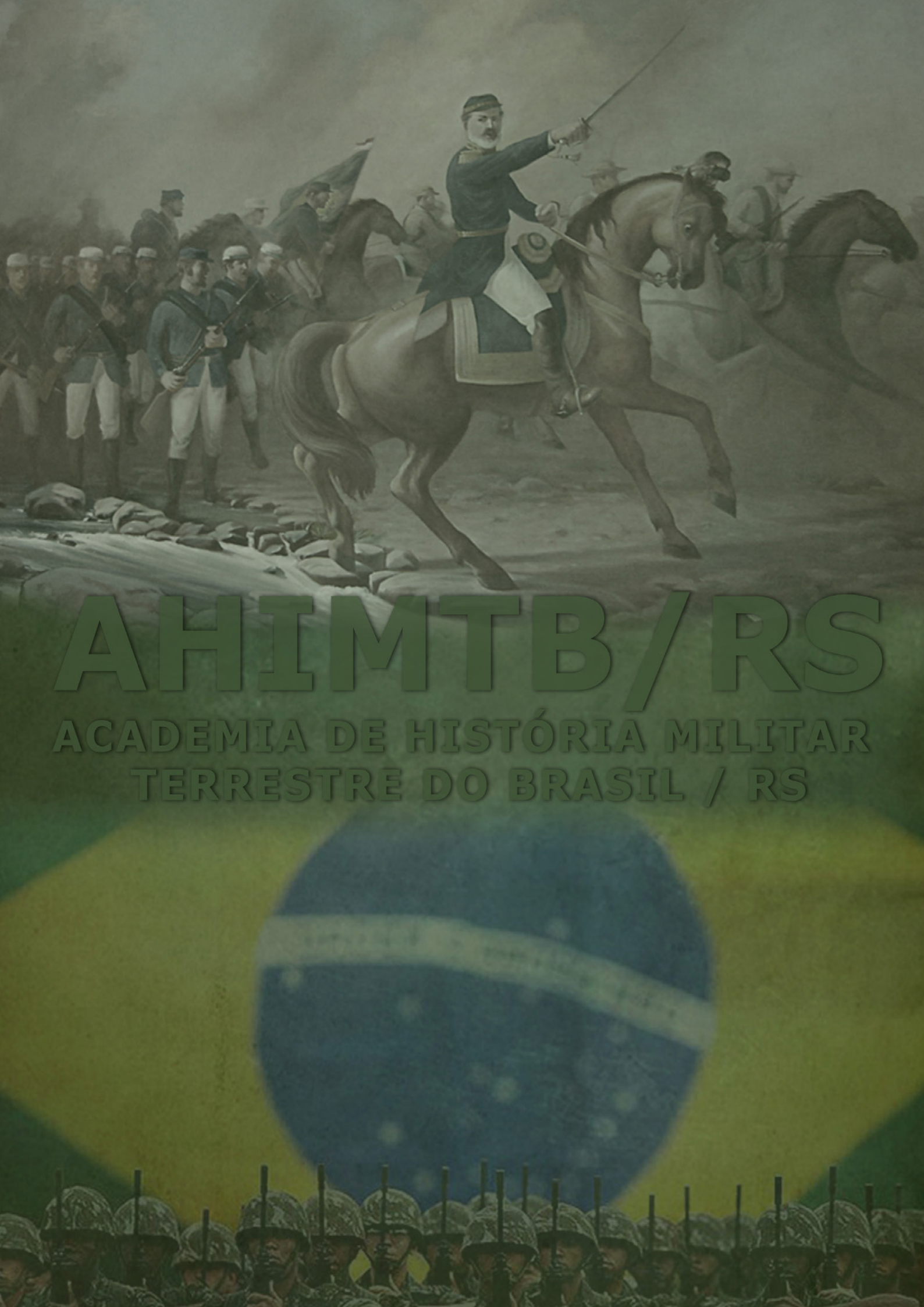
Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu **View**, ítem **Page Display**, **Two Page VIew**, **Show Gaps Between Pages** e **Show Cover Page in Two Pages View** ligadas. Dessa forma, a publicação será exibida na forma projetada. Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu **Visualizar**, o ítem **Exibição da Página**, clique em **Exibição em Duas Páginas** e **Exibir Página de Rosto em Exibição em Duas Páginas.**

O **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis** é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo **O Tuiuti**, do que muito se orgulha. Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço digital **www.nucleomilitar.com**

Apoio à FAHIMTB:

POUPEX



AHIMTB/RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL / RS